

Mortes de gestantes na região preocupam

Taxa é de 59,62 óbitos de mulheres para cada 100 mil nascimentos

SANDRO THADEU

DA REDAÇÃO

Noventa por cento das mortes de grávidas e parturientes conseguem ser evitadas com uma assistência médica e hospitalar de qualidade oferecida durante o parto. O bom atendimento é fundamental, mesmo que a futura mãe não tenha feito um pré-natal adequado, na avaliação da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetria (Febrasgo).

Esse é ainda um grande problema da Baixada Santista. A taxa de mortalidade na região é de 59,62 mortes de mulheres para cada 100 mil nascimentos, superior à média de países como Armênia, Azerbaijão, Geórgia e Ca-

lista é completada por Praia Grande (22), Cubatão (16), Peruibe (14), Itanhaém (dez) e Bertioga (quatro). Em Mongaguá, não houve registro de mortalidade materna.

ALERTA

Realizado em 2006 e financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o estudo Caracterização da Mortalidade

de Neonatal e Perinatal na Região Metropolitana da Baixada Santista apontava que um dos problemas da região era a falta de padronização das condutas obstétricas e rotinas de serviço.

Além disso, o trabalho revelou o desconhecimento dos profissionais em relação aos programas Parto Humanizado e Maternidade Segura, altas taxas de cesáreas (em média 48% – o recomendável é 15%) e carência de enfermeiros obstetras atuando na área.

Esse é o resultado da avaliação feita em 15 hospitais da região coordenado pelo Programa de Mestrado em Saúde Coletiva da Unisantos.



Mortalidade de mulheres grávidas é considerada alta na região

Avaliações

Sobre o pré-natal

"Todas as vezes em que precisei ser atendida, mesmo sem consulta marcada, eu passava"

"Desmaia diariamente, mas o médico achava normal. Em uma consulta, meu marido entrou na sala e viu o médico jogando videogame"

Avaliação do parto

"Houve negligência do Dr. V, porque ele sabia que estava indo a semana toda lá e que já tinha passado do tempo. Cheguei às 9 horas, mas me levaram para operar às 17 horas, pois disseram que não tinha roupa obstétrica e equipamentos"

"O médico se precipitou, não fez ultrassom. O médico me disse que estava de 9 meses, mas falei que estava com 6. Ainda ouvi ele dizendo que queria as mulheres livres até as 20 horas pois, além de mim tinham outras duas mulheres"

TRECHOS DE ENTREVISTAS COM MÃES QUE CONSTAM NO ESTUDO, CARACTERIZAÇÃO DA MORTALIDADE NEONATAL E PERINATAL NA REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA, COORDENADO PELA UNISANTOS

zaquisição. Os dados mais recentes são de 2008, conforme a Fundação Seade.

O índice da Seade contabiliza mães que morreram durante ou até 42 dias após o término da gravidez, devido a qualquer causa relacionada com/ou agravada pela gestação ou por medidas em relação a ela, mas não ligadas a causas acidentais ou incidentais.

Historicamente, o coeficiente da região é maior do que a média do Estado (36,05, em 2008) e do ideal recomendado pela Organização Mundial de Saúde (20), mas menor que a brasileira (75, em 2007). Ainda segundo a Fundação Seade, de 1980 a 2008, os indicadores locais foram superiores aos de São Paulo em 23 vezes.

"Uma taxa de mortalidade de 59,62 é alta para um local tão importante para o País como Santos. Infelizmente, ainda é absurdo encontrarmos números tão altos em regiões bem desenvolvidas", disse o diretor-secretário da Comissão de Mortalidade Materna da Febrasgo, Sérgio Martins Costa.

O Datasus indica que houve 172 mortes maternas na Baixada Santista de 1996 a 2007. Desse total, 88 mulheres vieram a óbito durante a gravidez, o parto ou o aborto e outros 30, no período de 42 dias, após o nascimento do bebê (puéripério).

As cidades que contabilizaram o maior número de municípios mortos nesse espaço de tempo analisado na consulta ao Datasus foram São Vicente (37), Santos (35) e Guarujá (32). A